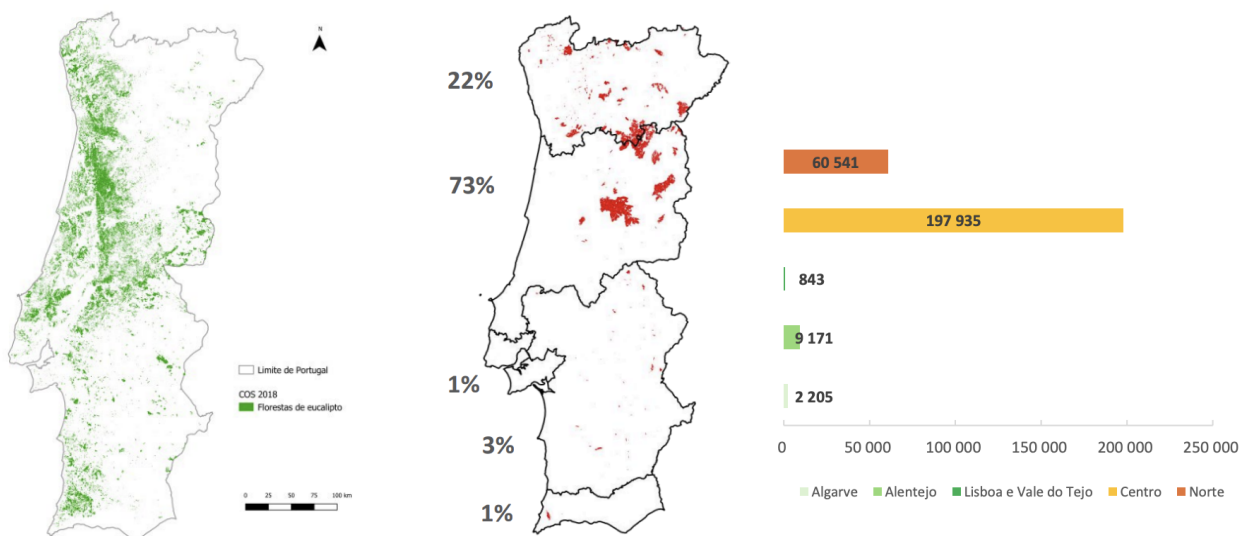


Briefing Incêndios Florestais, Eucaliptais e a Celulose em Portugal

Os incêndios florestais são um dos maiores problemas ambientais, sociais e políticos em Portugal, particularmente nas regiões Norte e Centro, onde são mais frequentes. Os [maiores incêndios de que há registo](#) ocorreram em 2017, quando mais de meio milhão de hectares foram consumidos pelas chamas e mais de 100 pessoas perderam a vida. Em 2024, em menos de uma semana, [mais de 130.000 hectares foram queimados, resultando em mais sete mortes](#).

Em 2025, verificou-se uma diminuição do número de incêndios florestais, mas um aumento da área total ardida para [271.000 hectares](#), tornando-se o quarto ano com a maior área ardida desde 2001. Segundo a Agência Portuguesa para os Incêndios Florestais (AGIF), nos últimos anos, o principal desafio passou de um elevado número de incêndios para um pequeno número de incêndios extremos, responsáveis por áreas totais de terra queimada maiores. Em 2025, 44 incêndios florestais foram responsáveis por 91% da área total ardida desse ano. Até Julho de 2026, já ardeu em Portugal uma área de [30.000 hectares](#).

Tal não surpreende se considerarmos a caracterização do que é classificado como florestas nas regiões Norte e Centro de Portugal: extensas áreas de monoculturas de eucalipto propensas a incêndios. De facto, de acordo com o relatório anual de 2025 do Sistema de Gestão Integrada de Incêndios Rurais (SIGFR) de Portugal, “mais de dois terços da área ardida (73%) em 2025 concentra-se na região Centro do país, enquanto as restantes regiões registaram valores significativamente inferiores” – esta é a região onde as monoculturas de eucalipto são mais prevalentes (ver mapa abaixo, à esquerda). É também a região que sofreu a maior percentagem de área ardida em 2025 (ver mapa abaixo, à direita).



Em Portugal, a área plantada com eucalipto totaliza [844.000 hectares](#), representando 26% da floresta de Portugal Continental, tornando-a a espécie de árvore mais abundante por área.

A área ocupada por eucaliptos tem aumentado sistematicamente nos últimos 50 anos, ao ponto de Portugal ter proporcionalmente mais plantações de eucaliptos do que qualquer outro país do mundo. As [plantações de eucalipto são propensas a incêndios](#) e propagam-nos com maior intensidade e rapidez do que muitas florestas nativas de folha larga, especialmente em condições de calor, seca e vento. Exercem também uma pressão significativa sobre os recursos hídricos, agravando as secas severas que já se fazem sentir com maior frequência devido [às alterações climáticas](#).

Durante uma visita ao país em setembro de 2022, o [Relator Especial das Nações Unidas para os direitos humanos e o ambiente](#) comentou: “Vi extensas monoculturas de eucaliptos durante a minha visita [a Portugal] e recomendo que sejam tomadas medidas para reduzir a área de terra coberta por esta espécie. Os especialistas recomendam a substituição por espécies nativas mais resistentes ao fogo, como os carvalhos, sobreiros e castanheiros, e a criação de mosaicos paisagísticos mais diversificados.”

No entanto, o extenso poder de lobby da indústria portuguesa de pasta de papel e do papel continua a exercer uma forte influência na tomada de decisões relacionadas com a silvicultura. Décadas de acesso privilegiado aos sucessivos governos portugueses resultaram no desmantelamento da regulamentação florestal, na expansão desimpedida de plantações de eucalipto de grande impacto e em vastos [subsídios públicos e mecanismos de apoio direcionados para o setor](#).

O setor da pasta de papel e papel de Portugal utiliza sobretudo eucalipto para produzir pasta de papel e gere cerca de um quarto das extensas plantações de eucalipto concentradas nas regiões Centro e Norte do país. Além disso, mais de 70% de toda a biomassa queimada para a geração de eletricidade em Portugal em 2021 foi classificada como [resíduos de eucalipto](#).

A indústria da pasta de papel e do papel é um grande negócio em Portugal e o setor tem registado lucros sem precedentes nos últimos anos. A maior produtora de pasta de papel e de papel em Portugal, a Navigator Company, obteve lucros de quase [400 milhões de euros em 2022](#), um aumento de quase [130% face ao ano anterior](#). O segundo maior produtor, a Altri, registou um aumento dos lucros de [quase 300% em 2021](#), com esta tendência ascendente a manter-se em 2022.

A eletricidade a partir de biomassa está a contribuir cada vez mais para a rentabilidade destas empresas, à medida que estas se diversificam noutras áreas da bioeconomia e aproveitam o forte apoio político à queima de biomassa. Juntos, [o setor da pasta de papel e do papel em Portugal é responsável por quase 80% da eletricidade de biomassa gerada em Portugal a cada ano](#).

Apesar da introdução de uma lei que proíbe o estabelecimento de novas plantações de eucalipto em Portugal, as indústrias de celulose, papel e florestal continuaram a pressionar fortemente para um aumento das áreas de plantação. O presidente da Associação Nacional de Empresas Florestais, Agrícolas e do Ambiente [defendeu o estabelecimento de novas plantações de árvores](#) para fazer face à procura de biomassa para a geração de energia, reconhecendo que a biomassa residual disponível é insuficiente para satisfazer a procura.

ONGs portuguesas como a Quercus têm feito campanha há muitos anos contra os impactos das extensas plantações na Península Ibérica. Em janeiro de 2022, [a Quercus e outras ONGs portuguesas criticaram o governo português](#) por "ceder à pressão da indústria da celulose e do papel" através dos seus planos para aumentar os limites estabelecidos para as plantações de eucalipto em todo o país, dando efetivamente luz verde a quase 40.000 hectares adicionais.

Isto é ainda mais preocupante no contexto das alterações climáticas e do evento “Super El Niño” deste ano. Embora o El Niño não provoque incêndios florestais diretamente em Portugal, pode aumentar a probabilidade de condições quentes e secas que favoreçam incêndios de grandes proporções e de elevada intensidade. Ao aumentar a probabilidade de secas, ondas de calor e secura prolongada da vegetação, um El Niño forte pode elevar o risco de incêndios florestais, especialmente quando combinado com as alterações climáticas e paisagens altamente inflamáveis, como as extensas plantações de eucalipto de Portugal. Embora a influência do El Niño na Península Ibérica seja mais variável do que noutras regiões do mundo, pode contribuir para as condições climáticas extremas que levam à ocorrência dos maiores incêndios florestais em Portugal.